

A carta de Púchkin em *O Espelho* (1975), de Andrei Tarkóvski: contextualização, tradução e comentário

Pushkin's letter in Andrei Tarkovsky's Mirror (1975): contextualization, translation and commentary

Valentina Nicolino Pereira

Universidade de São Paulo, Brasil.

Valentina Nicolino Pereira
Graduada em Letras
(Português/Russo) pela
Universidade de São Paulo
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9149-4939>
valentina.nicolino@usp.br

Submetido em: 19/01/2026
Aceito em: 11/03/2026
Publicado: 31/03/2026

e-Location: 20501



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Resumo

O presente trabalho apresenta uma tradução da carta de Aleksandr Púchkin em resposta ao texto *Primeira carta filosófica*, de Piotr Tchaadáiev, com contextualização histórica, para discutir sua inserção no filme *O Espelho*, de Andrei Tarkóvski, construído por meio de elementos ficcionais, literários, históricos e autobiográficos do diretor. Consideramos que o uso da carta por Tarkóvski reflete a necessidade de questionar o cânone histórico frente a eventos como a Segunda Guerra, e que o diretor constrói seu longa-metragem com base em elementos pessoais e subjetivos para estabelecer um contraponto às narrativas oficiais da História, de forma semelhante a Púchkin em sua carta.

Palavras-chave: Aleksandr Púchkin; Andrei Tarkóvski; O Espelho; cinema soviético; literatura russa

Abstract

This paper presents a translation of Aleksandr Pushkin's letter in response to the text First philosophical letter, by Pyotr Tchaadayev, with historical contextualization, to discuss its insertion in the film Mirror, by Andrei Tarkovsky, built through fictional, literary, historical and autobiographical elements of the director. We consider that Tarkovsky's use of the letter reflects the need to question the historical canon in the face of events such as the Second World War, and that the director constructs his feature film based on personal and subjective elements to establish a counterpoint to the official narratives of history, in a similar way to Pushkin in his letter.

Keywords: Aleksandr Pushkin; Andrei Tarkovsky; Mirror; soviet cinema; russian literature.

INTRODUÇÃO

Escrita em francês em 1829, a *Primeira carta filosófica* de Piotr Tchaadáiev gerou mal-estar entre a *intelligentsia* russa desde a publicação original, por conta das impressões polêmicas de seu autor a respeito da Rússia, mas foi em 1836, com a tradução para o russo e publicação na revista *Telescópio*, que seu impacto teve reverberações palpáveis na sociedade. Entre os aspectos polêmicos do texto, o mais destacado é a repetida negação de que a Rússia tenha algum tipo de legado histórico.

Em que consiste a vida de uma pessoa, diz Cícero, se a memória de tempos antigos não liga o presente ao passado? E nós, que viemos ao mundo como filhos bastardos, sem herança, sem ligação com as pessoas que nos precederam na Terra, não guardamos no coração nenhuma das lições deixadas mesmo antes de nosso surgimento. (...) É a consequência natural de uma cultura inteiramente emprestada e imitativa. Entre nós falta, definitivamente, um desenvolvimento interno (Tchaadáiev, 1836[2017], p.72-3)

Alguns dias, após a publicação da tradução russa, o escritor e poeta Aleksandr Púchkin redigiu uma carta à Tchaadáiev, com quem mantinha amizade, discordando de quase todo o posicionamento e com uma particular indignação com a noção de que a Rússia não foi possível de criar a própria história. Em uma época de forte censura, que atingia até mesmo a nobreza, não é possível definir se o poeta contrariou o intelectual com veemência por autocensura ou por ofensa genuína.

Entretanto, Púchkin mostrou, em diferentes momentos, um apreço pela história russa, e escreveu diversas obras a fim de canonizar, na literatura, eventos que seriam abafados pela censura czarista. Isso é palpável em *O Cavaleiro de Bronze*, poema épico sobre a inundação de São Petersburgo em 1824, cujo eu lírico é um trabalhador da construção da cidade, evidenciando a desigualdade no processo de formação da Rússia; em *A Filha do Capitão*, novela ambientada na Revolta de Pugatchóv; e no conto *O negro de Pedro, o Grande*, sobre seu bisavô Abram Ganníbal, que na infância foi levado do continente africano ao Império Russo.

Tempos depois, em 1975, a carta seria lida no filme *O Espelho*, do diretor Andrei Tarkóvski. A obra, que apresenta uma narrativa não linear, traz aspectos ficcionais, históricos e autobiográficos de Tarkóvski; a infância do diretor é revisitada e,

consequentemente, o filme atravessa episódios como a Segunda Guerra Mundial e o conflito sino-soviético.

O presente artigo apresenta uma tradução da carta, originalmente redigida em francês (anexada ao final do artigo), e uma breve contextualização, para discutir sua inserção no longa-metragem de Andrei Tarkóvski.

A POLÊMICA DE TCHAADÁIEV FRENTE A UM POETA HISTORIADOR

Antes de abordar especificamente a *Primeira carta filosófica*, é necessário visitar a Rússia do início do século XIX, com a invasão francesa de 1812 durante as Guerras Napoleônicas. Com a vitória russa e o retorno de soldados e oficiais da Europa, ideais iluministas contrários ao czarismo passaram a circular no Exército Imperial, o que culminou na Revolta Dezembrista de 1825, em que militares protestaram contra a coroação de Nicolau I. O cenário da invasão francesa não influenciou apenas os rebeldes: Tchaadáiev esteve na campanha contra Napoleão e, nos anos 1820, fez uma viagem à Europa, em que manteve contato com o catolicismo, o conservadorismo francês e o idealismo alemão (Segrillo, 2010). O iluminismo também marcou seu pensamento. A simpatia pelos ideais iluministas transparece em seu texto polêmico:

Entre nós falta, definitivamente, um desenvolvimento interno, um progresso natural; as ideias anteriores são varridas pelas novas, porque as últimas não se originam das primeiras, mas aparecem aqui vindas sabe-se lá de onde. Assimilamos apenas ideias completamente prontas, e por isso aqueles vestígios indeléveis — que se depositam nas mentes por meio de um desenvolvimento consequente do pensamento e criam uma força intelectual — não sulcam nossas consciências. (Tchaadáiev, 1836[2013], p.73)

Alguns anos depois da supracitada viagem, escreveu o conjunto das *cartas filosóficas*, em francês, que passaram a circular entre os intelectuais russos; a publicação da *Primeira carta filosófica* no *Telescópio* desagradou a sociedade pelo caráter pessimista em relação à história russa e pela aversão ao cristianismo ortodoxo. Para Tchaadáiev, é a ortodoxia, aliada ao czarismo, que mantém a Rússia refém das “ideias completamente prontas” que circulam na sociedade, e consequentemente reprime o desenvolvimento da nação e de seu legado histórico.

Essa visão, entretanto, é questionada por Púchkin que, além de ter contato com o Iluminismo, também conheceu de forma profunda o folclore e a cultura popular russa. Além de referências folclóricas claras em sua obra, como a inserção de personagens em suas narrativas (como a figura de Baba Yaga, presente em seu poema *Ruslan e Liudmila*), o poeta também aproximava a forma e o estilo de seus textos a formas e a estilos populares, como na tradução e adaptação das baladas escocesas de Walter Scott para a língua russa:

A referência às origens folclóricas (das baladas) transparece já no nível métrico-rítmico. Embora o pé métrico das baladas publicadas por Scott seja o jambo, que também era o preferido de Púchkin, na tradução, o poeta russo optou por troqueu. Essa mudança de forma alguma é ocasional, pois na cultura russa e da Europa Ocidental o jambo associa-se ao estilo livresco, enquanto troqueu, com ênfase na primeira sílaba, costuma ser relacionado à canção popular, tanto lírica, quanto épica (GASPÁROV, 1990). Dessa forma, a escolha do troqueu aproxima o poema puchkinino à canção popular e, portanto, à balada. (Américo, 2017, p. 941, parênteses meus)

É evidente que Púchkin conhece as tradições populares de seu povo e as aprecia, ao ponto de aprender e incorporar suas características na própria obra, ainda em um período no qual a literatura russa era profundamente influenciada pelo romantismo alemão e francês. Além disso, devemos considerar também que o poeta, mesmo conhecendo formas líricas consideradas eruditas, não menosprezava a arte popular e local.

Como mencionado na introdução do presente artigo, Púchkin abordou episódios da história russa em diversos textos literários, sendo os mais notáveis a novela *A filha do Capitão* e o poema *O Cavaleiro de Bronze*. O apreço do escritor pela história russa é um reflexo do caráter nacionalista de sua obra, que evidentemente agrega aspectos da cultura popular e folclórica, e seu papel na criação de novos mitos, como exemplificado por Zorattini, ao analisar o texto *O Cavaleiro de Bronze*:

São Petersburgo é uma personagem recorrente na literatura russa. Com igual frequência, a cidade exerce uma influência enlouquecedora sobre seus habitantes, quando não os devora por completo, como ocorre com o Evguêni de *O cavaleiro de bronze*. (...) Tal papel sombrio se faz presente no imaginário russo desde a fundação da nova capital

e tem suas raízes no fato de que a cidade foi erguida a custo de milhares de vidas e em terreno inóspito, propenso a enchentes com as cheias do rio Niev, que ladeia a capital. Entretanto, foi o poema de Púchkin que deu corpo ao mito petersburguês (...). (Zorattini, 2022, p. 170-171)

Púchkin buscou, por meio de sua literatura, preservar a história russa vivida pelo povo, em detrimento das narrativas oficiais impulsionadas pelo tzarismo e pela Igreja Ortodoxa. Além de desafiar as autoridades ao priorizar a história popular, Púchkin também escreveu poemas críticos à situação política na Rússia e simpatizou com revolucionários, o que o levou a um “exílio interno” na região do Cáucaso, onde teve ainda mais contato com tradições populares, que inspiraram os textos *Os ciganos* e *O prisioneiro do Cáucaso*.

Esse conhecimento lhe garantiu uma visão crítica sobre a carta de Tchaadáiev, que apenas explorou a ideia de que a Rússia não tem um legado histórico por conta da ortodoxia, sem considerar diversos aspectos culturais populares fundamentais para a identidade nacional. Além disso, na resposta, Púchkin destacou diversos eventos do cânone histórico para se opor a Tchaadáiev.

A CARTA DE PÚCHKIN EM RESPOSTA À TCHAADÁIEV: UMA TRADUÇÃO

19 de outubro de 1836: de Petersburgo a Moscou

Eu lhe agradeço pela brochura¹ que me enviou. Tive prazer em relê-la, embora me surpreenda muito vê-la traduzida e impressa. Eu estou satisfeito com a tradução: ela preserva a energia e desenvoltura do original. Quanto aos pensamentos, você sabe, estou longe de concordar com você em tudo. Sem dúvidas, o Cisma² separou-nos do resto da Europa e não participamos de nenhum dos grandes eventos que a estremeceram, mas temos nossa própria predestinação especial. Essa é a Rússia, é a sua vastidão que absorveu a invasão mongol. Os tártaros não ousaram cruzar nossas

¹ Brochura aqui se refere aos folhetos contendo entre 4 e 48 páginas, sobre diversos temas, mas principalmente políticos, e que começaram a circular na Europa durante a Reforma Protestante.

² Divisão das Igrejas Católica e Ortodoxa.

fronteiras ocidentais e nos deixaram na retaguarda. Eles voltaram para seus desertos e a civilização cristã foi poupada. Para esse fim, nós levamos uma vida deveras particular, que embora nos tenha tornado cristãos, deixou-nos completamente estranhos ao mundo cristão, de modo que nosso martírio não foi nenhuma distração ao energético desenvolvimento da Europa católica. Você fala que a fonte de onde tiramos o cristianismo era impura, que Bizâncio era desprezível e desprezado, e etc. Ah, meu amigo, o próprio Jesus Cristo não nasceu judeu e Jerusalém não era uma fábula? O Evangelho é menos admirável? Tomamos dos gregos o Evangelho e as tradições, mas não o espírito infantil e das controvérsias. Os costumes de Bizâncio nunca foram os costumes de Kiev. O clero russo, até Teófanos, era digno de honra, nunca se manchou com infâmias do papismo e, claro, não teria provocado a reforma naquele momento, quando a humanidade mais precisava de união. Concordo que nosso clero atual está atrasado. Quer saber o motivo? Ele usa barba³, e isso é tudo. Ele não é uma boa companhia.

Quanto à nossa insignificância histórica, definitivamente não posso concordar com você. As guerras de Oleg e Sviatoslav⁴ e até disputas menores — não é essa vida, de efervescência aventureira e amarga, sem objetivos, que caracteriza a juventude de todos os povos? A invasão dos tártaros é um grande e triste quadro. O despertar da Rússia, o fortalecimento de seu poder, sua caminhada para a união (a união russa, claro), os dois Ivans, o drama que começou em Uglitch e terminou no Mosteiro de Ipatiev⁵ — o quê? Tudo isso não seria história, mas apenas um sonho pálido e quase esquecido? E Pedro, o Grande, que sozinho tem uma história universal? E Catarina II, que colocou a Rússia nas fronteiras da Europa? E Alexandre, que a levou a Paris? e (com a mão no coração) será que você não encontra algo importante na atual situação da Rússia, algo a surpreender o futuro historiador? Você pensa que ele nos colocará separados, fora da Europa? Embora esteja amarrado de coração ao tzar, estou longe

³ A menção à barba expõe a ideia de que o clero seria velho e, por isso, antiquado.

⁴ Referência a Oleg Svliatovitch, príncipe dos Drevlianes, e a seu pai Svliatov Igorevitch, príncipe de Kiev.

⁵ Referência a Ivã III e seu neto, Ivã IV (popularmente conhecido como Ivã, o Terrível), cujo filho Dmitri morreu em Uglitch, em 1591. Em 1613, no Mosteiro de Ipatiev (Mosteiro de São Hipácio, em Kostroma), Miguel I (Mikhail Romanov) foi eleito tzar, o que deu início ao poder da dinastia Romanov e marcou o fim do Tempo de Dificuldades.

de admirar tudo que vejo ao meu redor; como escritor, estou amargurado, como homem de superstições, estou ofendido — mas juro com honra que por nada no mundo desejaria mudar a pátria ou ter outra história além da história de nossos ancestrais, tal como Deus nos deu.

Eis uma carta muito longa. Depois de te contrariar, devo ressaltar que muitas coisas em sua carta são profundamente verdadeiras. De fato, é preciso admitir que nossa vida social é algo triste. Essa falta de opinião pública, essa indiferença com tudo que é dever, justiça e verdade, esse cínico desprezo pelo pensamento e pela dignidade dos homens, são verdadeiramente desoladores. Você fez bem, ao falar isso em voz alta. Mas temo que suas crenças históricas o prejudiquem... Por fim, sinto-me mal por não ter estado por perto quando entregou o manuscrito aos jornalistas. Eu não vou a lugar algum e não posso dizer se seu artigo teve efeitos. Espero que não façamos espuma dele. Você já leu o terceiro número do *Contemporâneo*?⁶ Os artigos *Voltaire* e *John Tanner* são meus, Koslovski seria minha providência se quisesse tornar-se escritor definitivamente. Adeus, meu amigo. Se vir Orlov e Raevski⁷, conte-lhes todas as coisas. O que disseram sobre sua carta, eles, cristãos desprezíveis?

A LEITURA DA CARTA EM *O ESPELHO*

A carta de Púchkin, que apresenta contrapontos ao texto de Tchaadáiev, ressalta a existência de um legado histórico e de aspectos que definem uma identidade nacional ao povo russo. De que forma, então, a carta serve ao diretor Andrei Tarkóvski e ao seu filme *O Espelho*? Como apontado anteriormente, o longa-metragem apresenta uma narrativa não linear, que mistura ficção, elementos históricos e traços autobiográficos de Tarkóvski; o protagonista, o poeta Aleksei, encontra-se à beira da morte e com isso reflete sobre sua infância, sua relação com a mãe e a ex-esposa, bem como com seu filho Ignat. Suas memórias se intercalam com filmagens de eventos históricos como a Segunda Guerra e o conflito Sino-Soviético.

⁶ *Contemporâneo: revista de literatura* (*Современник: литературный журнал*), foi uma revista literária publicada entre 1836 e 1846, editada por Púchkin.

⁷ Referência aos veteranos das Guerras Napoleônicas, Mikhail Orlov e Nikolai Raevski, que mantinham amizade com Púchkin.

O diretor também traz diversos aspectos literários ao filme para além da carta de Púchkin: são declamados quatro poemas de seu pai, o poeta Arséni Tarkóvski, e os personagens discutem obras de Tchekhov e Dostoiévski. A carta de Púchkin surge no longa-metragem quando Ignat está sozinho na casa de seu pai e é surpreendido por uma mulher desconhecida, que o pede para ler a carta; com a leitura, ela desaparece, de forma fantasmagórica.

Tarkóvski (1986, p. 128) buscava refletir sobre sua infância e os eventos que lhe marcaram durante esse período, de forma subjetiva, sem obedecer cronologias. Por isso, o filme foi boicotado em seu lançamento, por não apresentar caráter pedagógico e por ser considerado “inacessível” ao público, por isso teve pouca distribuição na União Soviética e foi vetado de participar em festivais (Jallageas, 2007).

Parte da indignação com o filme advém, justamente, do tratamento da história russa como objeto sujeito às subjetividades individuais — as pessoas vivenciam guerras, conflitos, dramas familiares e perdas de formas específicas, então a história de um país não pode, nem deve, ser refém de narrativas oficiais estabelecidas por governos e organizações estatais. Nesse sentido, Tarkóvski e Púchkin expõem que memórias particulares são essenciais para a construção da História, com nuances e aspectos que nem sempre podem ser controlados; enquanto Púchkin criticou a narrativa única proposta por Tchaadáiev ao apontar diversos episódios distintos da história russa, Tarkóvski lembrou o público e a crítica de que a subjetividade individual é uma valiosa ferramenta para a preservação da memória histórica. Essa impressão também se manifesta na posição do diretor frente às dificuldades enfrentadas na distribuição do filme:

I have always been infuriated by the formula, ‘people won’t understand’. What does it mean? Who can take it upon themselves to express the ‘people’s opinion’, making declarations on their own behalf as if quoting the majority of the population? Who can know what people will or won’t understand? (...) I am a part of my people: I have lived with my fellow-citizens, been through the same bit of history as anyone else of my age (...). Respect for an audience, or for any interlocutor, can only be based on the conviction that they are no stupider than you (Tarkovsky, 1986, p. 172-173)

Observamos uma certa indignação referente às tentativas de censura e controle da arte de Tarkóvski, baseada principalmente na ideia de que um governo ou órgão estatal não tem a capacidade de definir o que o povo compreende ou não. Para ele, abordar sua experiência durante o período da guerra e relacioná-la com outros eventos históricos não deveria ser um incômodo para o público, que tem plena capacidade de compreender sua obra de forma particular.

A tentativa estatal de controlar a História se assemelha às críticas de Tchaadáiev, que considerou que a Rússia era um país sem legado e ignorou não apenas episódios relevantes, mas também a vivência particular de indivíduos e grupos culturalmente heterogêneos. Quando Púchkin contestou seu posicionamento, apresentou esses aspectos culturais do país; de forma similar, Tarkóvski apresentou uma narrativa pessoal muito próxima da experiência coletiva de pessoas na sua faixa etária, o que desafiava as narrativas históricas da época.

A leitura de Púchkin expõe como, novamente, é necessário que um artista discuta e questione uma narrativa imutável e imposta, que provoca o apagamento de vivências individuais frequentemente marcadas por sofrimentos e misérias — para uma geração que cresceu durante a Segunda Guerra, *O Espelho* estabeleceu uma representação sensível e fidedigna de suas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se, com a discussão entre Tchaadáiev e Púchkin, que histórias únicas, principalmente se tratando de uma nação inteira, são inverossímeis, e criam espaço para discursos extremos, que menosprezam culturas e vivências particulares de indivíduos ou grupos específicos. Púchkin, conhecedor da cultura popular russa e simpatizante de revolucionários, redigiu a carta a Tchaadáiev como contraponto à ideia de que a Rússia não passava de um país irrelevante e de cultura inferior à cultura da Europa ocidental.

A leitura da carta em *O Espelho* mostra que Tarkóvski, nos anos 1970, sentiu a mesma necessidade de questionar quais narrativas e discursos oficiais circulavam na sociedade russa a respeito da Segunda Guerra e de outros eventos marcantes da

história de seu país. Esse questionamento mostrou-se ainda mais essencial quando o filme sofreu com críticas e baixa distribuição por ser considerado inadequado ao público.

REFERÊNCIAS

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Os corvos de Púchkin: a tradução da tradução. In: **Gragoatá**, v. 22, n. 43. Niterói, maio-ago 2017.

JALLAGEAS, Neide. **Estratégias de construção no cinema de Andriêi Tarkóvski**: a perspectiva inversa como procedimento. 2007. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PÚCHKIN, Aleksandr. **Polnoe sobranie sotchinenii v desiati tomakh**. 2ª edição, 10º volume. Moscou: Izdatel'stvo Akademii Nauk SSSR, 1956.

SEGRILLO, Ângelo. A "Carta filosófica" de Chaadaev: o "tiro no escuro" que detonou o debate entre ocidentalistas e eslavófilos na Rússia. **Caminhos da História**, v. 15, n. 2, p. 113-122, 2010.

TARKOVSKY, Andrei Arsénevitch. **Sculpting in time**: reflections on the cinema. Trad. Kitty Hunter-Blair. Londres: The Bodley Head, 1986.

TCHAADÁIEV, Piotr. Primeira carta filosófica. Trad. Cecília Rosas. In: GOMIDE, Bruno Barretto (org). **Antologia do Pensamento Crítico Russo**. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 65-85.

TUROVSKAYA, Maya. **Tarkovsky**: Cinema as Poetry. Trad. Natasha Ward. Londres: Faber and Faber, 1989.

Zerkalo. Direção: Andrei Arsénevitch Tarkóvski. Produção: Erik Waisberg. União Soviética: Mosfilm, 1975.

ZORATTINI, Júlia. Roma eterna e Roma condenada: o mito de São Petersburgo em "O cavaleiro de bronze". **RUS**, São Paulo, v. 13, n. 23, 2022. DOI: [10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.201522](https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.201522). Disponível em: <https://revistas.usp.br/rus/article/view/201522>.

Agradecimentos

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo por conceder a Bolsa FFLCH de Iniciação Científica; ao professor Mário Ramos Francisco Júnior, pela orientação da pesquisa sobre *O Espelho*; ao professor Bruno Barretto Gomide, ministrante da disciplina de Crítica Literária Russa, que possibilitou a tradução da carta de Púchkin como parte da avaliação final.

Financiamento

O presente trabalho é fruto da pesquisa "Os versos de Arséni Tarkóvski em *O Espelho* (1975), de Andrei Tarkóvski: cinema, poesia e memória", financiada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Nota

Os nomes e termos russos aqui citados foram transliterados para o português brasileiro de acordo com a *Tabela de Transliteração do Russo para o Português*, estabelecida por docentes do curso de Letras, na habilitação em Língua Russa, da Universidade de São Paulo.

Anexo: carta de Aleksandr Púchkin redigida em francês

19 octobre 1836. De Pétersbourg à Moscou.

Je vous remercie de la brochure que vous m'avez envoyée. J'ai été charmé de la relire, quoique très étonné de la voir traduite et imprimée. Je suis content de la

traduction : elle a conservé de l'énergie et du laisser-aller de l'original. Quant aux idées, vous savez que je suis loin d'être tout à fait de votre avis. Il n'y a pas de doute que le Schisme nous a séparé du reste de l'Europe et que nous n'avons pas participé à aucun des grands événements qui l'ont remuée ; mais nous avons eu notre mission à nous. C'est la Russie, c'est son immense étendue qui a absorbé la conquête Mongole. Les tartares n'ont pas osé franchir nos frontières occidentales et nous laisser à dos. Ils se sont retirés vers leurs déserts, et la civilisation Chrétienne a été sauvée. Pour cette fin, nous avons dû avoir une existence tout-à-fait à part, qui en nous laissant chrétiens, nous laissait cependant tout-à-fait étrangers au monde chrétien, en sorte que notre martyre ne donnait aucune distraction à l'énergique développement de l'Europe catholique. Vous dites que la source où nous sommes allé puiser le christianisme était impure, que Byzance était méprisable et méprisée etc. - hé, mon ami ! Jésus Christ lui-même n'était-il pas né juif et Jérusalem n'était-elle pas la fable des nations ? L'évangile en est-il moins admirable ? Nous avons pris des Grecs l'évangile et les traditions, et non l'esprit de puérilité et de controverse. Les mœurs de Byzance n'ont jamais été celles de Kiov. Le clergé Russe, jusqu'à Théophane, a été respectable, il ne s'est jamais souillé des infamies du papisme et certes n'aurait jamais provoqué la réformation, au moment où l'humanité avait le plus besoin d'unité. Je conviens que notre clergé actuel est en retard. En voulez-vous savoir la raison ? c'est qu'il est barbu ; voilà tout. Il n'est pas de bonne compagnie.

Quant à notre nullité historique, décidément je ne puis être de votre avis. Les guerres d'Oleg et de Sviatoslav, et même les guerres d'apanage n'est-ce pas cette vie d'effervescence aventureuse et d'activité âpre et sans but qui caractérise la jeunesse de tous les peuples ? L'invasion des tartares est un triste et grand tableau. Le réveil de la Russie, le développement de sa puissance, sa marche vers l'unité (unité Russe bien entendu), les deux Ivan, le drame sublime commencé à Ouglitch et terminé au monastère d'Ipatief — quoi ? tout cela ne serait pas de l'histoire, mais un rêve pâle et à demi-oublié ? Et Pierre le Grand qui à lui seul est une histoire universelle ! Et Catherine II qui a placé la Russie sur le seuil de l'Europe ? et Alexandre qui vous a mené à Paris ? et (la main sur le cœur) ne trouvez-vous pas quelque chose d'imposant dans la situation actuelle de la Russie, quelque chose qui frappera le futur historien ?

Croyez-vous qu'il nous mettra hors l'Europe ? Quoique personnellement attaché de cœur à l'empereur, je suis loin d'admirer tout ce que je vois autour de moi ; comme homme de lettre, je suis aigri ; comme homme à préjugés, je suis froissé — mais je vous jure sur mon honneur, que pour rien au monde je n'aurais voulu changer de patrie, ni avoir d'autre histoire que celle de nos ancêtres, telle que Dieu nous l'a donnée.

Voici une bien longue lettre. Après vous avoir contredit il faut bien que je vous dise que beaucoup de choses dans votre épître sont profondément vraies. Il faut bien avouer que notre existence sociale est une triste chose. Que cette absence d'opinion publique, cette indifférence pour tout ce qui est devoir, justice et vérité, ce mépris cynique pour la pensée et la dignité de l'homme, sont une chose vraiment désolante. Vous avez bien fait de le dire tout haut. Mais je crains que vos opinions historiques ne vous fassent du tort... enfin je suis fâché de ne pas m'être trouvé près de vous lorsque vous avez livré votre manuscrit aux journalistes. Je ne vais nulle part, et ne puis vous dire si l'article fait effet. J'espère qu'on ne le fera pas mousser. Avez-vous lu le 3ème No du *Sovremennik* ? Les articles *Voltaire* et *John Tanner* sont de moi. Козловский serait ma providence s'il voulait une bonne fois devenir homme de lettre. Adieu, mon ami. Si vous voyez Orlof et Rayewsky dites-leur bien des choses. Que disent-ils de votre lettre, eux qui sont si médiocrement Chrétiens ?